

Nelly Novaes Coelho

# ESCRITORES PORTUGUESES DO SÉCULO XX



IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

## *À guisa de pórtico*

A literatura é a consciência da humanidade; a crítica é a consciência da literatura.

PAUL SOUDAY

Mais de trinta anos se passaram sobre a primeira recolha de *Escritores Portugueses* (1973). E durante esse tempo nossas «leituras portuguesas» prosseguiram, ora provocadas pelas circunstâncias, ora exigidas pelo trabalho docente na Universidade de São Paulo. Uma dupla intenção orientou-as sempre: a de incentivar o leitor brasileiro (principalmente o universitário) a descobrir a nova literatura em Portugal e a de compreendermos, através do «olhar português», as possíveis coordenadas da crise histórica/existencial/política em que o mundo mergulhou e que a literatura traz à tona.

À recolha anterior foram acrescentados artigos ou ensaios que as circunstâncias levaram à publicação, nestes últimos anos (daí a heterogeneidade dos textos). Trata-se, ao todo, de vinte e dois autores que, entre tantos outros\* em Portugal, vêm testemunhando em arte maior o homem-em-processo nestes tempos de mutação.

Neles ecoam ainda as palavras de Fernando Pessoa: «A busca de quem somos / na distância de nós.»

---

\* Entre esses «tantos outros» avulta a superior produção das escritoras portuguesas, que analisamos em volume próprio, ainda em preparação.

## PREFÁCIO \*

*Os estudos aqui reunidos resultam de uma reformulação (ou fusão) de artigos escritos no decorrer da década 1962-1972 e divulgados na imprensa especializada do Brasil e de Portugal. Ao fim desta primeira década de actividade crítica, dedicada à literatura em língua portuguesa (Portugal e Brasil), sentimos necessidade de proceder a um balanço do trabalho fragmentado que, ao longo destes anos, fomos realizando mais ou menos ao sabor das circunstâncias (ou das exigências de nossa tarefa docente, que lhe corre paralela). Desse balanço surgiu esta recolha.*

*Ao seleccionarmos o que parecia de maior interesse para este registo em livro, demo-nos conta de que, embora a matéria ali constante tivesse resultado das mais variadas circunstâncias (e visando a divulgação rápida e precária de periódicos), na maioria das análises predominavam dois temas nucleares: a consciência histórica que define a literatura portuguesa e a consciência estética que a singulariza entre as demais literaturas e que revela sua profunda e vital sintonia com as mais recentes transformações da literatura ocidental.*

*Indo de Aquilino Ribeiro a Vergílio Ferreira (passando por Assis Esperança, Augusto Abelaira, Fernando Namora, José Cardoso Pires e Ruben A.), temos aqui alguns testemunhos da crise que o mundo contemporâneo vem vivendo desde o entre-século (XIX-XX), quando a própria imagem da condição humana (a da longa tradição*

---

\* Da 1.<sup>a</sup> edição (1973).

*crístã) se desintegra sob o impacto das conquistas científicas e o mundo mergulha no caos dos valores herdados.*

*Em todos os autores aqui seleccionados encontrámos, de maneira latente ou patente, as dramáticas consequências que a perda da antiga imagem-de-mundo veio acarretar. A literatura tradicional alimentava-se, com segurança, da visão global do mundo que as ideologias vigentes ofereciam, em cada momento da História. Porém, a partir do momento em que as ideologias naufragam e se dá a fragmentação que C. P. Snow chamou de «cisão das duas culturas» (a cisão entre Ciências e Arte), a interpretação científica do mundo põe em questão a legitimidade da visão poética, sempre ligada profundamente à visão metafísica. Nesse momento, uma pergunta angustiada ou perplexa se coloca para o escritor: se somente a linguagem científica pode com legitimidade dizer a verdade sobre o Homem e sobre a Vida, o que caberá a ele dizer? Em meio ao caos, vários caminhos são tentados...*

*Na impossibilidade de se alimentar de certezas ou verdades indiscutíveis, a criação literária concentra-se em si mesma e gradativamente acaba fazendo um só corpo com a indagação sobre as condições de sua própria possibilidade de existência. De interpretativa a literatura passa a interrogativa.*

*Uma nova imagem-de-mundo está sendo procurada através da linguagem da arte... Dessa busca, nos mais diversos níveis, falam aqui alguns escritores portugueses...*

São Paulo, Novembro de 1972.

## ADOLFO CASAIS MONTEIRO

### A PALAVRA ESSENCIAL E IMPOSSÍVEL \*

Deram-me o silêncio para eu guardar dentro de mim  
a vida que não se troca por palavras.

[...]

Deram-me o silêncio como uma palavra impossível,  
nua e clara como fulgor duma lâmina invencível,  
para eu guardar dentro de mim,

[...]

a única palavra sem disfarce —  
a Palavra que nunca se profere.

«A palavra impossível», in *Noite Aberta aos Quatro Ventos*.

Poeta que, desde seus inícios (no período entre-guerras: anos 1920-1930), se empenhou existencialmente na busca da palavra que pudesse expressar o indizível (onde estaria a verdade última), Adolfo Casais Monteiro impõe-se hoje (a vinte e cinco anos de sua morte) como um dos mestres da poesia contemporânea portuguesa e reconhecido como um dos fecundos

---

\* Comunicação apresentada no II Congresso Português de Literatura Brasileira, realizado na Universidade do Porto, em Maio de 1997.

## ÍNDICE

<i>À guisa de pórtico</i> .....	9
Prefácio (1. <sup>a</sup> ed., 1973) .....	11
Adolfo Casais Monteiro .....	13
Albano Martins .....	23
Almada Negreiros .....	47
Álvaro Guerra .....	69
Aquilino Ribeiro .....	81
Assis Esperança .....	105
Augusto Abelaira .....	113
Branquinho da Fonseca .....	131
Fernando Correia da Silva .....	161
Fernando Namora .....	173
Fernando Pessoa .....	189
Ferreira de Castro .....	203
Joaquim Paço d'Arcos .....	223
Jorge de Sena .....	229
José Cardoso Pires .....	241
José Régio .....	273
José Saramago .....	285

Lobo Antunes .....	295
Mário-Henrique Leiria .....	305
Miguel Barbosa .....	317
Ruben A. ....	333
Vergílio Ferreira .....	347
Linguagem e ambiguidade na ficção portuguesa contemporânea	365
A guerra colonial no espaço romanesco .....	377
<i>À guisa de epílogo</i> .....	389